



SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia, 43. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.

144p.

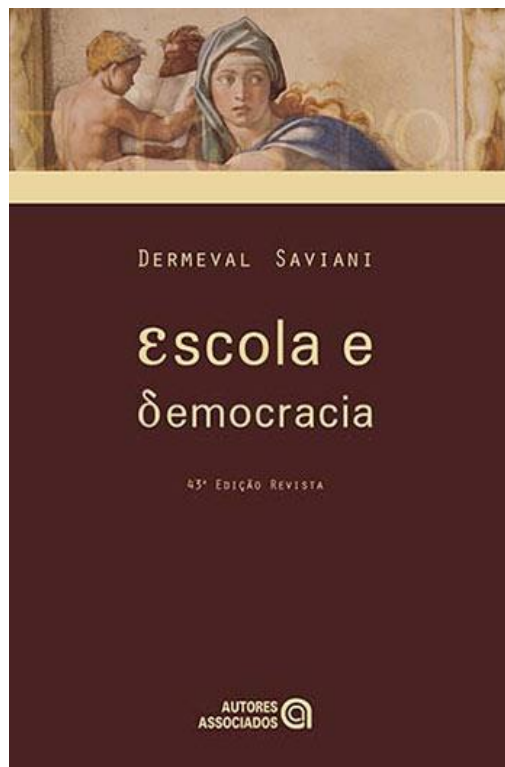
ISBN: 978-85-7496-411-9

**Resenhado por Ana Carolina Galvão
Universidade Federal do Espírito Santo
Brasil**

Honrosamente convidada a apresentar resenha do livro “Escola e Democracia”, por ocasião de homenagem ao seu autor, o professor emérito da Universidade Estadual de Campinas, Dermeval Saviani, fiz uma volta à primeira vez que tomei o livro em minhas mãos. O exemplar, emprestado da biblioteca da Universidade Estadual Paulista (Unesp/Bauru), trazia marcas de muitas leituras, sendo visível que era disputado nas prateleiras da área da educação. Eu cursava o primeiro ano da graduação em Pedagogia.

Apresentado em “versão de bolso”, o pequeno livro aparentava ser simples e de rápida leitura. Porém, conforme avançava as páginas, fui me dando conta de sua complexidade, que pretendo demonstrar a seguir.

Utilizo nessa resenha a 43ª edição, que conta com o prefácio correspondente e o prefácio à edição uruguaia. No prefácio à 43ª edição, Saviani registra que a partir de então o livro passa a ter o formato da edição comemorativa dos 25 anos de sua primeira



publicação (2008), além de passar a ser publicada nas línguas inglesa e espanhola. O autor salienta sua relevância especial no momento em que vivemos, uma

[...] fase política dramática vivida pelo país na qual o Estado democrático de direito, instituído nos termos da Constituição de 1988, foi duramente golpeado resultando em drásticas consequências para a relação entre escola e democracia, tema central deste livro (SAVIANI, 2018, p. ix).

Outro ponto importante a destacar do prefácio é que Saviani salienta que o livro “[...] pode ser considerado o manifesto de lançamento da pedagogia histórico-crítica” (idem, p. xv), teoria pedagógica que já ultrapassou os 40 anos desde o início de sua construção coletiva liderada pelo autor (Cf. SAVIANI, 2011a) e que coloca acento positivo no ato de ensinar e na educação escolar.

O prefácio à edição uruguaia, redigido pela Professora Ema Julia Massera Garayalde, sublinha o interesse dos educadores latino-americanos pela obra e a contribuição dela para enfrentar o desafio de construir soluções educativas que partam das contradições e das necessidades sociais historicamente constituídas.

Em seguida, o livro conta com apresentação, quatro capítulos, um apêndice e um anexo. O apêndice, intitulado “Setenta anos do “Manifesto” e vinte anos de Escola e Democracia: balanço de uma polêmica”, nos traz uma reflexão importante sobre os apontamentos de Saviani a respeito da Escola Nova, que foram objeto de crítica de outros autores. É um texto indispensável para que compreendamos não apenas as intenções de Saviani ao elaborar a crítica ao escolanovismo, mas também para constatar o rigor teórico-metodológico com o qual o autor opera em seus trabalhos. O anexo, “Carta de Zaia Brandão”, dialoga com o conteúdo do apêndice e é relevante enfatizar que a partir dele se observa, de parte a parte, o respeito, a seriedade e compromisso com o debate científico que se busca por meio da produção

acadêmica. Passemos então ao conteúdo do livro propriamente dito.

Logo em sua “Apresentação”, o autor nos situa historicamente em relação à obra, registrando que os capítulos 1, 2 e 3 foram anteriormente publicados, entre 1981 e 1982, sendo o quarto capítulo especialmente preparado para a publicação, de 1983. O autor então afirma:

Esperamos que este livro, a exemplo dos artigos que lhe deram origem, continue a auxiliar professores e alunos na busca de uma compreensão mais sistemática e crítica das diferentes teorias da educação (SAVIANI, 2018, p. 2).

Décadas passadas, o livro continua a ser indicado justamente com este objetivo e em 2002, quando fiz minha primeira leitura, estava diante de um “clássico”, conceito que compreendi posteriormente, conforme formulação do próprio autor no livro “Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações” (SAVIANI, 2011b). Contudo, um clássico não se mostra à primeira vista, pois é preciso decifrar sua essência para determiná-lo como tal e meu percurso estava apenas começando. Mais que isso, naquela leitura de 2002, por me faltarem elementos para entender a importância do livro, me indignei com as críticas do autor à Escola Nova, como pretendo explicitar a seguir.

No Capítulo 1, “As teorias da educação e o problema da marginalidade”, Saviani se debruça sobre as relações entre educação e sociedade, dividindo a explicação das teorias sobre o fenômeno da marginalidade em dois grupos: as Teorias não-críticas, “[...] que encaram a educação como autônoma e buscam compreendê-la a partir dela mesma” (SAVIANI, 2018, p. 5) e as Teorias crítico-reprodutivistas, que “[...] entendem que a função básica da educação é a reprodução da sociedade” (idem, *ibidem*).

Ao tratar das Teorias não-críticas, Saviani discute a Pedagogia Tradicional, a Pedagogia Nova e a Pedagogia Tecnicista.

No caso da primeira, a exposição do autor não me foi inédita, tanto pelo que vinha estudando no curso de Pedagogia, quanto pelo que havia estudado o curso Magistério, uma década antes, quando já se falava sobre a educação tradicional com uma caracterização bastante crítica a ela. Desse modo, a constatação de Saviani sobre “uma crescente decepção” (idem, p. 6) com o modelo tradicional parecia coerente com o que eu conhecia até então.

Ao chegar ao estudo sobre a Pedagogia Nova, me deparo com afirmações que colocam nessa teoria pedagógica um acento negativo sobre o qual eu nunca tinha ouvido falar. Saviani afirma que o ideário escolanovista trouxe mais consequências negativas que positivas tendo em vista “[...] o afrouxamento da disciplina e a despreocupação com a transmissão de conhecimentos” que acabou por “[...] rebaixar o nível de ensino destinado às camadas populares” (idem, p. 9). Ora essa, mas a disciplina precisava mesmo ser afrouxada, afinal, ela oprimia os estudantes! E defender “transmissão” de conhecimento, como assim? Afinal, estava o autor a defender aquilo que Paulo Freire (2005) criticou sob a denominação de “educação bancária”? Eis o que motivou minha indignação. Contudo, uma vez que Saviani aporta outros elementos mais adiante, deixemos por enquanto o aprofundamento dessas questões.

Sobre a Pedagogia Tecnicista, Saviani sinaliza que a frustração com o escolanovismo foi fator relevante para o advento de uma teoria pedagógica que buscava “[...] operacionalizar os objetivos [da educação] e, pelo menos em certos aspectos, mecanizar o processo” (idem, p. 10). Considerando as características do tecnicismo, de secundarização tanto dos professores quanto dos alunos, a burocratização da escola e consequente controle minucioso do trabalho educativo por parte de especialistas desconectados da realidade escolar, os apontamentos de Saviani revelam a

insuficiência dessa teoria pedagógica para superação do fenômeno da marginalidade e também não me causaram estranhamento, vindo a contribuir para consolidar minha visão crítica sobre tal formulação.

Na continuidade do Capítulo 1 são apresentadas as Teorias crítico-reprodutivistas, que para o autor, a um só tempo são “críticas”, pois “[...] postulam não ser possível compreender a educação senão a partir de seus condicionantes sociais”, mas são também “reprodutivistas” uma vez que sempre concluem “[...] que a função própria da escola consiste na reprodução da sociedade em que ela se insere” (idem, p. 13).

Depois de detalhar as principais teorias deste grupo, Saviani questiona se é possível a formulação de uma teoria da educação que esteja atenta à necessidade de criticar a escola como a conhecemos e que seja “[...] um instrumento capaz de contribuir para a superação do problema da marginalidade [...]” (idem, p. 25). Ao colocar em movimento a reflexão da contradição entre o velho e o novo, o ideal e o real, a teoria e a prática, o livro nos provoca a assumir um compromisso vital para a educação. Nas palavras de Saviani (idem, p. 25-26):

[...] trata-se de retomar vigorosamente a luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. Lutar contra a marginalidade por meio da escola significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais. O papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes.

Esse trecho foi o que me impulsionou à continuidade da leitura, por meio da qual buscava compreender como responder a esse chamado do autor, de forma concreta. Abre-se então o Capítulo 2, “Escola e Democracia I. A teoria da curvatura da vara” e nele, Saviani anuncia três teses que são objeto de sua exposição. A primeira trata do “[...] caráter revolucionário da pedagogia da essência e do

caráter reacionário da pedagogia da existência” (idem, p. 30). A segunda trata “[...] do caráter científico do método tradicional e do caráter pseudocientífico dos métodos novos” (idem, ibidem). Por fim, derivando das duas primeiras, a terceira tese é enunciada nos seguintes termos:

[...] de como, quando mais se falou em democracia no interior da escola, menos democrática foi a escola; e de como, quando menos se falou em democracia, mais a escola esteve articulada com a construção de uma ordem democrática (idem, ibidem).

A análise de Saviani nesse capítulo, de caráter histórico, filosófico, pedagógico e político, é indiscutivelmente uma das peças mais brilhantes da produção acadêmica do autor. Porém, essa é uma compreensão que tenho hoje, depois de acumular muitas leituras, idas e vindas. Por ocasião da primeira leitura que fiz, o texto foi extremamente elucidativo, mas ainda um tanto incômodo, pela incisiva crítica à Pedagogia Nova, que era, para mim, o que havia de mais avançado e adequado para pensar a educação, a escola e sua função social.

O leitor pode estranhar esse apego de minha parte ao escolanovismo, em pleno início do século XXI, mas o fato é que eu alinhava a Pedagogia Nova aos ideários pedagógicos que avançaram a partir da década de 1980 (em especial o construtivismo) e se tornaram definitivamente hegemônicos na década de 1990, com as formulações denominadas “pós-críticas” (SILVA, 2010) e que ainda hoje predominam no campo educacional.

Na continuidade de meus estudos percebi que esse alinhamento não estava equivocado, mas a crítica com a qual me deparei em “Escola e Democracia” exigiu aprofundamento e me levou a outras leituras. Talvez a mais fundamental delas nesse âmbito tenha sido o livro de Duarte (2000), intitulado “Vigotski e o “aprender a aprender”: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana”. Faço esse destaque para exemplificar o que mencionei logo nas

primeiras linhas desta resenha, quando me referi à complexidade do livro em questão. “Escola e Democracia” é um livro com muitos livros dentro. A capacidade de síntese e exposição de Saviani é ímpar e depois de 18 anos convivendo com a obra vejo que cada leitura não é meramente reler o mesmo texto, mas encontrar novos elementos de estudo e análise.

O Capítulo 3, “Escola e Democracia II. Para além da teoria da curvatura da vara” dá continuidade às discussões do capítulo anterior e agora o autor se dedica a apresentar o que ele chama em vários momentos de “pedagogia revolucionária” (SAVIANI, 2018, p. 52), se referindo à pedagogia histórico-crítica, assim denominada a partir de 1984. Ele sublinha:

[...] a pedagogia revolucionária, longe de secundarizar os conhecimentos descuidando de sua transmissão, considera a difusão de conteúdos, vivos e atualizados, uma das tarefas primordiais do processo educativo em geral e da escola em particular (idem, ibidem).

De modo a defender a construção de uma pedagogia revolucionária, Saviani expõe didaticamente a ideia de superação por incorporação, reconhecendo elementos válidos das Pedagogias Tradicional e Nova, bem como seus limites estruturantes. Ele ressalta que os métodos de ensino que preconiza não são ecléticos e que a elaboração por ele proposta parte da prática social (ponto de partida) e sofre uma alteração qualitativa (ponto de chegada) pela mediação dos momentos de problematização, instrumentalização e catarse. Nesse ponto, o autor cita diretamente Marx e o método da economia política (idem, p. 59) para evidenciar a concepção dialética de ciência que adota, exigindo que seu leitor se remeta à obra marxiana para compreender as relações estabelecidas por Saviani com o materialismo histórico dialético como fonte de seu trabalho. E esse exercício de estudo do método é tarefa para ser tratada por nós de maneira permanente e persistente.

A tentativa de transpor seis páginas dos escritos deste livro (idem, p. 56-61) para uma

sequência didática descolada de uma concepção abrangente e coerente com as ideias do autor deve ser tratada com absoluta independência dele. Com efeito, além da própria obra do Professor Saviani, diversos autores têm procurado evidenciar a questão do método pedagógico, em especial de forma recente (Cf. DUARTE, 2019; GALVÃO, MARTINS & LAVOURA, 2019; LAVOURA, 2018; LAVOURA, & MARSIGLIA, 2015; LAVOURA & MARTINS, 2017; LAVOURA & RAMOS, 2020; MARTINS & LAVOURA, 2019; PASQUALINI & LAVOURA, 2020).

Chegamos finalmente ao Capítulo 4, “Onze teses sobre educação e política”. Saviani (2018, p. 66) indaga: “educação e política se equivalem, se identificam? Se são diferentes, em que consiste a diferença?”. Para ele, educação e política não são idênticas, mas inseparáveis. Sumariamente podemos dizer que o autor atribui à primeira uma relação entre não antagônicos e à segunda, entre antagônicos. Na sequência, ele explica que toda prática educativa possui dimensão política e vice-versa e que o desenvolvimento da prática política depende da educação para divulgação de propostas e formação de quadros, tanto quanto o desenvolvimento da prática educativa depende da política para viabilizar suas condições realização (infraestrutura, orçamento etc.).

Um aspecto fundamental levantado por Saviani é que as relações entre educação e política têm existência histórica e que nas condições atuais

[...] devem ser entendidas como manifestações da prática social própria da sociedade de classes. Trata-se de uma sociedade cindida entre interesses antagônicos. Está aí a raiz do primado da política (idem, p. 68-69).

E desta feita, ele conclui que “[...] a importância política da educação reside na sua função de socialização do conhecimento” (idem, p. 70).

A obra “Escola e Democracia”, depois de mais de 35 anos em circulação, se mantém atual e imprescindível às professoras e aos professores de todos os níveis e modalidades de ensino que lutam por uma educação de qualidade que efetivamente exerça seu papel de colaborar com a superação da sociedade capitalista e a organização de um novo modo de vida, justo e igualitário.

Nesse sentido, saúdo o professor Dermeval Saviani, que há mais de 50 anos dedica sua vida de maneira incansável à educação, apostando que ela pode contribuir de forma decisiva com a transformação social.

Quero encerrar destacando que “Escola e Democracia” mudou minha vida. De estudante despretensiosa, passei à docente engajada e comprometida politicamente com a educação pública. E tenho a mais absoluta certeza que a minha história é a de todas e todos que foram tocadas(os) pela obra e que

[...] contra a maré montante de tantas profissões glamorosas, não perderam o fascínio por este que é o mais apaixonante de todos os ofícios: produzir a humanidade no homem (SAVIANI, 2012, s.p).

Referências

DUARTE, N. A catarse na didática da pedagogia histórico-crítica . **Pro-Posições**, Campinas-SP, v. 30, p. 1-23, 2019.

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas-SP: Autores Associados, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALVÃO, A. C.; MARTINS, L. M.; LAVOURA, T. N. **Fundamentos da didática histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2019.

LAVOURA, T. N. A dialética do singular-universal-particular e o método da pedagogia histórico-crítica. **Nuances**: estudos sobre Educação, v. 29, n. 2, p.4-18, Mai./Ago., 2018.

LAVOURA, T. N.; MARSIGLIA, A. C. Galvão. A pedagogia histórico-crítica e a defesa da transmissão do saber elaborado: apontamentos acerca do método pedagógico. **Perspectiva**, v. 33, n. 1, jan./abr. 2015, p. 345-376.

LAVOURA, T. N.; MARTINS, L. M. A dialética do ensino e da aprendizagem na atividade pedagógica histórico-crítica. **Interface**: comunicação, saúde, educação, v. 21, n. 62, 2017. p. 531-541.

LAVOURA, T. N.; RAMOS, M. N. A dialética como fundamento didático da pedagogia histórico-crítica em contraposição ao pragmatismo das pedagogias contemporâneas. In: MALANCHEN, J.; DUARTE, N. S.; ORSO, P. J. (orgs.). **A pedagogia histórico-crítica, as políticas educacionais e a Base Nacional Comum Curricular**. Campinas-SP: Autores Associados: 2020, p. 47-62.

MARTINS, L.; LAVOURA, T. Fundamentos teórico-filosóficos e suas determinações nas teorias pedagógicas da educação escolar. **Cadernos do GPOSSHE On-line**, n. Especial, p. 1-20, out. 2019.

PASQUALINI, J. C.; LAVOURA, T. N. A transmissão do conhecimento em debate: estaria a pedagogia histórico-crítica reabilitando o ensino tradicional?. **Educ. rev.**, v. 36, e221954, p. 1-20, 2020.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, D. Antecedentes, origem e desenvolvimento da pedagogia histórico-crítica. In: MARSIGLIA, A. C. Galvão. (Org.). **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. Campinas-SP: Autores Associados, 2011a. p. 197-225.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2011b.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 40. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias de currículo**. 3. ed. Belo Horizonte-MG: Autêntica, 2010.

Acerca do(a) Autor(a) da Resenha

Ana Carolina Galvão, Pedagoga, Doutora em Educação Escolar (Unesp/Araraquara), professora do Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Líder do Grupo de Pesquisa Pedagogia histórico-crítica e Educação Escolar.

Education Review  **Reseñas Educativas**
Resenhas Educativas



O Copyright é retido pelo/a o autor/a (ou primeiro co-autor) que outorga o direito da primeira publicação à revista *Education Review/Reseñas Educativas/Resenhas Educativas*. Más informação da licença de Creative Commons encontram-se em <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/> Qualquer outro uso deve ser aprovado em conjunto pelo/s autor/es e por AAPE/EPAA. AAPE/EPAA é publicada por *Mary Lou Fulton Institute Teachers College da Arizona State University*.

Nota: Os pontos de vista ou opiniões apresentadas nas resenhas de livros são exclusivamente do (s) autor (es) e não representam necessariamente os da revista.



Education Review/Reseñas Educativas/Resenhas Educativas está no Facebook (<https://www.facebook.com/pages/Education-Review/178358222192644>) e no Twitter @EducReview